

As «Germânicas» na Rua das Taipas

Maria Antónia Gaspar Teixeira

No longínquo verão de 1974, cerca de dois anos após o reinício do curso de Filologia Germânica na Universidade do Porto, candidatei-me a um lugar de leitora de Língua Alemã. Quando já se sabia que a candidatura fora aceite mas ainda antes de assinar o contrato, o Dr. António Franco considerou – hoje vejo que muito sensatamente – que eu me devia ambientar ao que se passava na Faculdade e, por sua sugestão, passei a assistir com regularidade às inúmeras R.G.A.s que se sucediam. E foco-me essencialmente nesses primeiros tempos na Rua das Taipas porque, dos docentes de então que participam hoje nesta sessão comemorativa dos 50 anos do DEG, sou a única que os viveu.

No verão do ano lectivo de 1973-1974, os ventos de mudança do 25 de abril que varreram o país implicaram que, também nas vulgarmente chamadas Germânicas, quase, se não tudo o que se fizera até aí era rejeitado como retrógrado e antidemocrático. No clima efervescente e confusamente desorganizado que se instalou e se prolongou por algum tempo, mas sempre muito euforicamente empenhado, considerava-se que era necessário reorganizar tudo. As aulas haviam sido logo interrompidas, não se realizaram exames – recorreu-se à figura da passagem administrativa utilizando-se a média do ano anterior, o que muito terá agradado a vários estudantes e aborrecido outros tantos. Nas R.G.A.s que se criaram, sempre muito concorridas pelos alunos que passaram a ter voz ativa na vida da faculdade, debatia-se acaloradamente, desde o delineamento do *curriculum* e dos programas do curso, passando pelo modo de avaliação dos alunos, até à contratação dos docentes. Lembro-me, p. ex., de assistir a uma das propostas dos estudantes: a criação de uma cadeira (creio que opcional) de Língua Russa, que de facto teve lugar, porque, argumentava um aluno, queria ler Karl Marx no original!

A necessidade de novas contratações para 1974-75 era premente. O curso ia entrar no 3.º ano, e os assoberbados docentes que até aí tinham assegurado as aulas da variante de Alemão nos dois primeiros anos de modo algum poderiam dar conta do recado. Além disso, veio a constatar-se que, embora mantivesse o vínculo com a Faculdade, a Prof. Maria Manuela Campos, única docente doutorada, como que se foi autoexcluindo e acabou por não voltar a lecionar. Restavam por isso dois leitores (o Dr. António Franco e a Dra. Roza Huylebrouck), um assistente (Dr. José Manuel Coutinho) e um monitor

(ainda enquanto aluno – Udo Kötzle). A contratação de docentes não deixava de ser *sui generis*: o *curriculum* de cada um era afixado no átrio do edifício da Rua das Taipas durante vários dias (creio que duas ou três semanas) e sujeito à aprovação não apenas dos docentes da casa, mas também dos alunos que tinham, como um dos critérios fundamentais, o facto de o candidato não ter furado a greve estudantil de 1969. E foi assim que o corpo docente da vertente de Alemão foi reforçado com uma assistente, a Dra. Maria Marques, e dois leitores, o Dr. Gunther Hammermüller (enviado pelo DAAD), e eu própria.

As aulas começaram muito tarde, se não me engano em dezembro ou janeiro, e até lá, havia que preencher o tempo para além das referidas R.G.A.s que continuavam. Por iniciativa do Dr. Franco e sobretudo de um assistente da área de inglês (Dr. Eurico Marques da Silva), criou-se uma espécie de *workshops* alargados, concorridíssimos por parte dos alunos e também por alguns docentes, nos quais se refletia sobre literatura e humanidades. Lembro-me ainda que, por sugestão dos alunos, se organizou uma viagem dita de estudo à Fundação Gulbenkian, onde se encontrava uma exposição de Juan Miró. Alugou-se uma camioneta e lá fomos mas, quando chegámos, a grande parte dos alunos desapareceu como por magia e o Miró teve de se contentar quase só com os docentes.

Na distribuição do serviço docente, foram-me atribuídas quatro turmas, três de Alemão II (que dava em paralelo com outros três leitores) e a única de Alemão I, o que se traduziu em 16 horas semanais e aulas de segunda a sábado. É que, apesar de o ano de serviço cívico instituído implicar que o 1.º ano não funcionaria regularmente, quatro estudantes tinham feito as provas para maiores de 23 anos. Esta era, aliás, uma turma sem grande preparação mas muito empenhada, que resistiu com valentia aos desafios da língua.

No Alemão II, o panorama era diferente. Os alunos eram muito heterogéneos, tanto na sua origem (havia inclusivamente dois irmãos de nacionalidade alemã, já de meia idade, que não falhavam uma aula), como quanto aos conhecimentos que traziam do secundário. A minha grande surpresa foi em relação à constituição das turmas. Tinham sido organizadas alfabeticamente pela secretaria e numa delas estavam sentadas nada menos do que cerca de 30 Anas Marias.

Não havia nem livro nem programa comum a todas as turmas, cada docente utilizava o material que melhor lhe parecesse. No final do ano, debatia-se com os alunos a avaliação a atribuir a cada um. Claro que as notas de 1-20 tinham sido abolidas porque expressão

de um conservadorismo inaceitável, mesmo fascistas, e passaram a ser apenas de 1 a 3: uma negativa e duas positivas.

Já para além do âmbito estritamente académico e saltando um pouco no tempo, recordo ainda os momentos de convívio entre professores e alunos em animados almoços e jantares em restaurantes de Matosinhos. Ou como no outono de 1975, o Goethe-Institut convidou um grupo de portugueses ligados, não necessariamente à Germanística mas de algum modo à cultura alemã, entre eles docentes e estudantes das universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, para uma estadia de três semanas em Berlim Ocidental – muito provavelmente para lhes demonstrar, nas muitas palestras e visitas, as vantagens da social-democracia numa altura de grande instabilidade revolucionária entre nós. O contingente da FLUP era constituído pelo Dr. Armando Morais, Dr. Franco, eu e a Zaida Schwighammer enquanto aluna. Não posso esquecer também um divertido picnic na praia, em 1976, com todos os docentes da Filologia Germânica, que nesse ano se separaria na vertente de Inglês e na de Alemão, dando origem ao Departamento de Estudos Germanísticos (DEG). Lembro-me ainda, durante os anos em que estivemos na Rua das Taipas, portanto até 1977, das idas com os meus colegas ao Rei dos Galos, uma tasquinha manhosa e creio que única na rua, que nos servia como substituição do bar inexistente na faculdade. Aí, o nosso colega Hammermüller deliciava-se amiúde com cerveja misturada com groselha, bebida que dava pelo sugestivo nome de Tango.

Em 1977, ano da mudança para o edifício do Campo Alegre, quando todos colaboraram no transporte dos livros e de algum mobiliário, já mais docentes haviam sido contratados e o DEG começava a viver tempos mais calmos.